

'Saudosa Maloca'
revive a boêmia de
Adoniram Barbosa

PÁGINA 3



Ballet 'O Corsário'
na íntegra no
Theatro Municipal

PÁGINA 4



Guitarrista gaúcho
aparece entre os
melhores do ano

PÁGINA 5



2º CADERNO

Divulgação



Fata Morgana

Divulgação



Werner Herzog ganha mostra na Caixa Cultural



Nosferatu, o Vampiro da Noite

Divulgação



Aguirre, a Cólera dos Deuses



Lições da Escuridão

Juntos e misturados na maluquez de Herzog

Caixa Cultural remora feitos do diretor de 'Fitzcarraldo', que explorou geografias onde poucos cineastas ousaram pisar para explorar a força da Natureza e os limites da loucura

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Fã de Eddie Murphy, que o fez rir como ninguém, entusiasta da obra de Ruy Guerra, a quem dirigiu um par de vezes, e movido pelo desejo de desfiar ilusões da moral, o alemão Werner Herzog diz que gasta mais tempo lendo poemas – mesmo os da antiguidade grega – do que vendo filmes.

Porém, desde 1961, quando começou a produção do curta-metragem "Herakles" (finalizado no ano seguinte, marcando

do sua estreia como realizador), é por meio de filmes que suas inquietações ganharam o mundo, arrebatam a crítica, colecionaram fãs e lhe renderam um oceano de honrarias.

Uma das mais importantes é a Carroça de Ouro, honraria concedida pela Quinzena de Cineastas do Festival de Cannes a artesões da imagem com status de mestre. O status desse diretor germânico de 81 anos, que também é professor, escritor (lançou há pouco o fascinante "O Crepúsculo do Mundo", pela Editora Todavia) e ator (é o vilão da série "O Mandaloriano", da Disney +), poderá ser visto, revisto e aplaudido pelo público carioca numa mostra na Caixa Cultural que abre suas portas para o público nesta quarta-feira.

"Existe a ordem racional e existe a natureza. O cinema é algo que interponho entre esses dois extremos", disse Herzog ao Correio da Manhã em Cannes, em 2019, numa palestra ao lado da atriz Julianne Moore e do diretor e ator Xavier Dolan. "Existe um mundo lá fora, sem regras da moral, distante dos dispositivos do processo artístico, onde as pessoas vivem em ambientes muito diferentes do que qualquer contingência da razão possa definir. Eu saio a campo, com a câmera na mão, em busca dessas práticas de viver, a fim de conhecê-las, mas não de dominá-las. Faço cinema desde o tempo em que só festivais absorviam práticas como essa. Hoje, há mais diversidade, mas o risco ainda instiga".

Continua na página seguinte

Com curadoria da diretora e roteirista Sylvia Palma e do crítico Filippo Pitanga, a retrospectiva “Herzog - Além das Margens” recebe a plateia nesta quarta-feira (13) com o filme que jogou holofotes sobre o cineasta, após um período (curto) de pouca notoriedade entre o fim dos anos 1990 e o início dos 2000: “O Homem Urso” (“Grizzly Man”, 2005), premiado nos festivais de Sundance, nos EUA, e Sitges, na Espanha. A sessão é às 13h15, na sede da Caixa Cultural (na Rua do Passeio, 38, Centro).

Às 15h20, tem “As Asas da Esperança” (1999) e, às 16h50, rola a joia “O Enigma de Kaspar Hauser”, que deu a ele o Grande Prêmio do Júri de Cannes em 1975, além da Láurea do Júri Ecumênico e da Láurea da Crítica, dada pela Fipresci (Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica). Para sábado, às 14h, a mostra agendou um dos filmes mais potentes do diretor na década passada: “Encontrando Gorbachev”, que brilhou no Festival de Tribeca 2019.

Para encerrar a programação dessa obrigatória imersão no olhar de um artista que é signo vivo de ousadia, no dia 23 de dezembro, Sylvia e Pitanga escalam “Aguirre, A Cólera dos Deuses” (1972), um dos filmes europeus mais influentes da década de 1970. Seu foco está num recanto inóspito da Amazônia. É lá que a cabeça de Herzog anda neste momento. Anda empenhado em retirar do papel um documentário sobre uma fábrica da Ford na selva Amazônica, terreno que instiga sua imaginação pela potência de sua reserva ecológica e pela resiliência dos povos originários. O cineasta olha para as culturas indígenas numa mirada decolonial, existencialista. Além dela, existe a loucura, outro de seus fetiches. Desde seu primeiro longa, “Sinais de Vida” (produção de 1968, agendado pela Caixa Cultural para o dia 23, às 14h), ele vem explorando a insanidade em espaços geográficos nem sempre seguros, como vulcões e cavernas inóspitas. Algumas dessas aventuras, dessa sua geografia de risco, dessa poética singular alimentaram



Divulgação

Fitzcarraldo



Divulgação

Onde Sonham as Formigas Verdes

Um realizador de visão singular



Divulgação

O Enigma de
Kasper Hauser

Divulgação

O Diamante Branco

uma exposição exibida no início deste ano, na Deutsche Kinemathek, a cinemateca da Alemanha, em Berlim. Tratava-se de uma coleção de desenhos, objetos e, sobretudo, fotos que mapeiam toda a trajetória dele pelas telas, com destaque para sua passagem por Manaus, nas filmagens do cult “Fitzcarraldo”, pelo qual recebeu a láurea de Melhor Direção no Festival de Cannes, em 1982. Retratos de Claudia

Cardinale e de seu ator assinatura, Klaus Kinski (1926-1991) estampam as paredes do chamado Museu do Filme berlinense. Tem até um rato empalhado (ou talvez seja um boneco, ninguém da curadoria confirma) que acompanhou Kinski em suas noites como vampiro na versão que Herzog fez de “Nosferatu”, de Murnau, à sua maneira autoralíssima, em 1979.

Na grade da Caixa Cultural, a

porção vampírica da Klaus Kinski está agendada para domingo, às 15 – e vale MUITO ver “Nosferatu” na telona. Já “Fitzcarraldo” ficou para o dia 22, às 15h10.

“Eu já consegui extrair de atores como Nicolas Cage atuações bem-humoradas que te fazem sentir diante de uma comédia com Eddie Murphy, aquelas boas, hilárias, dos anos 1980, mas já consegui fazer com que pessoas sem qualquer ex-

periência teatral se abrissem para a atuação, só focando no que a condição humana tem de mais simples, de mais corriqueiro. É preciso saber observar a Natureza. Os espetáculos todos brotam da Natureza”, explicou Herzog ao Correio da Manhã em Cannes, há quatro anos, ao lançar “Uma História de Família”, uma de suas raras ficções nas últimas duas décadas.

A menção a Nicolas Cage envolve o aclamado “Vício Frenético”, com o qual ele concorreu ao Leão de Ouro em Veneza. Tem sessão dele, na Caixa Cultural, no dia 21, às 17h50. Ao narrar as tramoias de um policial viciado, ele renovou a legião de fãs que começou a angariar no fim dos anos 1960, quando integrou a nata do Cinema Novo Alemão, ao lado de Wim Wenders, Volker Schlöndorff, Rainer Werner Fassbinder e Margarethe von Trotta. “A loucura vira estética quando alimenta potências”, disse Herzog na exposição berlinense. Agora é vez de o Rio se deixar contagiar por sua ‘maluquez’.

Divulgação



Joca (Gustavo Machado), Adoniran (Paulo Miklos, exuberante em cena) e Mato Grosso (Gero Camilo) formam o núcleo central de 'Saudosa Maloca', de Pedro Serrano

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Candidato à Eternidade no imaginário da cinéfila nacional, por sua habilidade de cerczir pranto e gargalhada em igual medida, “Saudosa Maluca” levou um pedacinho de São Paulo às telas do recém-encerrado Fest Aruanda, na Paraíba, e saiu de lá coroado – de elogios e prêmios.

Mais encantador de todos os concorrentes ao troféu de Melhor Longa-Metragem do evento, o filme de Pedro Serrano recebeu quatro troféus em reconhecimento à sua força estética, a começar pelo troféu de Melhor Direção.

Com ele, o cineasta paulistano ganha um endosso estético para a sua obra autoral. Seu doce estudo sobre uma Essepe de outrora foi laureado ainda nas categorias Direção de Arte e Trilha Sonora, além de ter recompensado o cantor e compositor Paulo Miklos com a estatueta de Melhor Ator. O eterno Titã, transformado em astro com o cult “O Invasor” (2001), brilha em cena em seu desempenho como um dos principais cronistas musicais de São Paulo: Adoniran Barbosa (1910-1982). A produ-

Cronista do ‘pogressio’ e da ‘çodade’

Em seu terceiro filme seguido sobre o músico Adoniran Barbosa, o cineasta Pedro Serrano se firma como voz autoral, coroado com o prêmio de Melhor Direção no Fest Aruanda

ção forma um triunvirato autoralíssimo com dois outros belos trabalhos anteriores de Serrano: o curta “Dá Licença De Contar”, de 2015, e o longa documental “Adoniran – Meu Nome É João Rubinato”, de 2018.

Na trama de “Saudosa Maluca”, Serrano nos leva a uma mesa de bar de SP, onde o velho Adoniran (Miklos, sublime) conta a um jovem garçom (Sidney Santiago Kwanza) anedotas de uma metrópole que já não existe. Lembra com carinho da maloca onde viveu com

Divulgação



Joca (Gustavo Machado) e Mato Grosso (Gero Camilo), destacando a paixão deles pela atendente de bar e aspirante a estilista Iracema (Leilah Moreno, numa requintada interpretação).

No papo a seguir, Serrano traz uma perspectiva lúdica para a gentrificação.

O que mais te fascina na figura de Adoniran Barbosa e de que maneira ele te ajuda a entender a realidade de São Paulo nos tempos de hoje?

Pedro Serrano: Acho que o fascínio vem do estilo de suas composições que aparentam simplicidade, mas, são ricas em poesia, capazes de encher o peito de ternura. Sua voz rouca soa como o abraço afetuoso de um avô que, apesar de muito divertido, carrega uma certa melancolia no olhar. Eu me fascino com sua capacidade de nos fazer sentir saudade do que não vivemos ou, talvez vivemos, porque nada é mais atual do que a parcela de sua obra que se dedica a falar das transformações da cidade, de seu crescimento desordenado e de como os mais pobres ficam à margem do “pogressio”.

Como funciona a sua metodologia de direção com Paulo Miklos e de que forma a relação dele com a música estreita os laços com a figura de Adoniran?

Eu e o Paulo estabelecemos desde o início que não queríamos uma imitação do Adoniran, mas, sim, uma livre interpretação dessa figura tão peculiar, mais preocupada em passar a sua essência do que reproduzir seus trejeitos e expressões. Isso faz ainda mais sentido ao lembrar que nosso filme não é uma cinebiografia. Fiz um compêndio que ajudava a entender “o jeito certo de falar errado” desenvolvido pelo “homi”. Mas, dali pra frente, foi tudo na base dos subtextos, da relação entre os personagens. O Paulo é um ator muito aberto à escuta e entende muito rápido as intenções de cada cena. Ele é capaz de criar em cima do que a gente pede. Sem dúvida, o fato de ele ser músico e de ser paulistano pesou na escolha pro papel. Afinal, precisávamos de um ator que cantasse em cena.

Qual é a sua São Paulo e de que maneira ela encara o “pogressio” nos tempos atuais?

A minha São Paulo é inteiramente permeada pelo “pogressio”. Nos últimos anos, minha rua viu todos os seus palacetes serem demolidos para construir torres de incontáveis andares. O conflito de “Saudosa Maluca” segue sendo a realidade da cidade e é algo que sempre se manifesta nos meus processos criativos como artista.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

O Iron Maiden tocará em São Paulo em 6/12/2024

Iron Maiden anuncia turnê por oito países em 2024

A banda Iron Maiden anunciou o retorno da turnê mundial "The Future Past", após apresentações aclamadas na Europa, Canadá e Estados Unidos. Agora, a banda confirmou shows na Nova Zelândia, Austrália, Japão, EUA, Colômbia, Chile e Brasil. As novas apresentações iniciam em setembro de 2024. No Brasil, o Maiden

deve se apresentar em São Paulo, no Allianz Parque, em 6 de dezembro.

O baixista do Iron Maiden, Steve Harris, disse que a banda deve tocar novas músicas do álbum "Senjutsu" e canções do disco "Somewhere In Time", de 1986, que os fãs latino-americanos ainda não tiveram oportunidade de escutar ao vivo.

Galã aposentado

Hugh Grant falou da felicidade em estar longe das comédias românticas. "Fiquei muito velho, gordo e feio para fazer comédias românticas, obviamente. Então, comecei com coisas mais interessantes", disse no talk show de Drew Barrymore.

Preta Gil curada

Preta Gil anunciou que o tratamento contra o câncer no intestino chegou ao fim após a cirurgia de retirada da bolsa de ileostomia e reconstrução do trato intestinal no mês passado. A cantora contou a novidade em vídeo nas redes sociais.

Tô voltando

Angélica, que deixou a Globo em 2020, comentou a possibilidade de voltar à emissora em 2024. "Teremos outros trabalhos, sim. Não mais como era em formatos anteriores, mas em temporadas na Globo e no Globoplay", disse no Roda Viva (TV Cultura).

De malas prontas

Âncora da CNN Brasil desde 2019, contratada antes mesmo da fundação do canal de notícias, a jornalista Luciana Barreto fechou acordo para sair da emissora. Ela fica no ar até o próximo dia 27 no comando do telejornal Brasil Meio-Dia.



O Corpo de Baile do Municipal encena 'O Corsário' na íntegra pela primeira vez

Poesia em forma de ballet

Peça clássica do repertório mundial, 'O Corsário' é montado pela primeira vez em sua versão integral no Theatro Municipal

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

"The Corsair" — , poema original de Lord Byron - foi uma sensação literária que vendeu cerca de 10 mil exemplares no primeiro dia de publicação. Nas traduções estrangeiras, floresceu tanto nas décadas seguintes que motivou múltiplas adaptações teatrais, incluindo uma ópera de Verdi (1848) e um balé parisiense coreografado por Joseph Mazilier com música de Adolphe Adam (1856).

Sua proposta é levar a plateia a viajar para uma terra distante para vivenciar as aventuras de

um pirata arrojado, Conrad, e sua corajosa namorada Medora. Será que eles conseguirão enganar os seres do mal e encontrar a felicidade em alto mar? Esse balé é, na verdade, um espetáculo épico, uma aventura que se passa em uma praça de mercado vibrante a uma caverna iluminada pela lua e um palácio luxuoso. Pela primeira vez, será encenado na íntegra pelo Corpo de Ballet e Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal.

As récitas acontecem a partir desta quarta-feira (13) e se estendem até o dia 23, totalizando dez apresentações, incluindo o Projeto Escola. Hélio Bejani e Jorge Teixeira assinam a remontagem e adaptação do ballet, segundo Marius Petipa. A regência será do

maestro Jésus Figueiredo e a direção geral de Hélio Bejani.

"O Corsário" em três atos se inicia com um prólogo que apresenta um navio pirata cruzando os mares. A embarcação é capitaneada pelo nosso herói Conrad e sua fiel tripulação pirata: eles têm a missão de resgatar Medora, o amor de Conrad, das mãos do traficante de escravos Lankendem.

"Realizar exige coragem e somente quem não tiver o medo de aceitar esse novo tempo que chegou, sem aviso prévio, poderá ter a audácia de trilhar novos caminhos... Esse é o pensamento que dá o tom do nosso espetáculo, um ballet do repertório clássico mundial que conta uma deliciosa história de piratas que se passa no mar Jônico, na transição da Idade Média para a Moderna", explica Hélio Bejani, diretor do Ballet do Theatro Municipal (BTM).

SERVIÇO

O CORSÁRIO

Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº - Cinelândia)
De 13 a 23/12, de quarta a sábado (19h) e domingo (17h) e 19/12 (14h, Projeto Escola)
Ingressos: Frisas e camarotes – R\$ 80 (ingresso individual), plateia e balcão nobre – R\$ 60, balcão superior – R\$ 40 e galeria – R\$ 20

De volta ao tempo das chanchadas

O humor da Atlântida é resgatado em musical em cartaz até domingo no Teatro Dulcina

Escrita e encenada pela primeira vez há mais de 20 anos, “Atlântida – O Reino da Chanchada”, de Ana Velloso e Vera Novello, ganha montagem inédita e um novo título. As autoras fizeram ajustes no texto que fez sucesso em 2000 e acreditam que “Atlântida – Uma Comédia Musical” está mais condizente com a proposta da nova montagem, que tem direção de Ana Velloso e Édio Nunes (que também assina a coreografia).

O espetáculo traz no elenco os atores Ana Velloso, Cassia Sanches, Daniel Carneiro, Édio Nunes, Fábio D’Lelis, Hugo Kerth, Lu Vieira, Milton Filho, Patrícia Costa e Vera Novello, além dos músicos Ricardo Rente, Vitor Barreto e Fábio D’Lelis.

“A paixão pelo gênero musical, a essência do texto que criamos a partir de uma pesquisa cuidadosa e o desejo de homenagear os artistas da Atlântida continuam os mesmos”, afirmam as autoras.

Preferência nacional

A Atlântida Cinematográfica tem importância enorme para o cinema e a cultura brasileira. Suas chanchadas – apelido dado ao gênero – atraíam multidões às salas de cinema de todo o país que iam prestigiar produções nacionais num momento em que a indústria



Cláudia Ribeiro/Divulgação

Os personagens típicos chanchadas produzidas pela Atlântida Cinematográfica ressurgem no musical de Ana Velloso e Vera Novello

cinematográfica brasileira apenas engatinhava disputando o seu incipiente mercado com filmes norte-americanos e europeus que conquistavam o mundo. A Atlântida realizou a façanha de produzir 62 filmes entre os anos 40 e 60 – chanchadas, em maior número, mas também dramas e documentários.

“Nunca quisemos falar didaticamente sobre a Atlântida. Queremos que o público vá ao teatro e capte o espírito das chanchadas, entenda o ambiente em que os filmes eram produzidos, as pessoas que estavam por trás delas. Eram artistas e técnicos de grande valor, que faziam filmes em que o povo se reconhecia”, destaca Ana Velloso.

A peça segue a estrutura dos filmes da Atlântida, com seus personagens-tipo que se envolviam em histórias românticas cheias de quiproquós e reviravoltas, antes de chegarem ao final feliz. A trama tem como cenário o próprio estú-

dio da Atlântida e seus personagens são atores, produtores, roteiristas, diretores, coristas, técnicos, assistentes, numa alusão a todos os que fizeram da Atlântida um verdadeiro pólo da sétima arte no Brasil, num esforço pioneiro.

“O roteiro nos leva a imaginar que a Atlântida ainda não acabou e que está produzindo mais um filme de ficção – uma chanchada com todos os seus ingredientes fundamentais, numa espécie de grande remake de sua ficção ingênua, com traços de época, que fala de um Brasil mais bem-humorado e inocente”, afirma Ana.

Caldeirão rítmico

O espetáculo traz momentos antológicos dos filmes da Atlântida, ao revisitar seus mais icônicos números musicais. Destaca ainda a grandeza e variedade das trilhas dos filmes da Atlântida.

O samba e a marcha – que, ao

contrário do que se pensa, não predominavam nos filmes da Atlântida – brilham ao lado de sambas-canções, xotes, boleros, rumbas, serestas... um caldeirão musical da melhor qualidade.

E além de lembrar as inesquecíveis canções que foram sucessos na época como “Marcha do Gago” (Clécios Caldas e Armando Cavalcanti), “No Tabuleiro da Baiana” (Ari Barroso), “Alguém Como Tu” (José Maria de Abreu e Jair Amorim), “Beijinho Doce” (Nhô Pai) e “Vai com Jeito” (João de Barro), o público poderá rever trechos de filmes e ver imagens inéditas dos artistas e bastidores desta importante fase do cinema nacional.

Fundada em 1941, a Atlântida Cinematográfica formava com a Rádio Nacional e os Teatros de Revista da Praça Tiradentes, um tripé cultural sem paralelos. O teatro, e depois os filmes, lançavam sucessos

que tocavam na rádio e atravessavam o país de norte a sul.

Nos elencos das chanchadas da Atlântida, Cyll Farney, John Herbert e Anselmo Duarte eram os mocinhos; Eliana a mocinha de nove entre dez chanchadas nacionais; os comediantes Oscarito, Grande Otelo e Colé os malandros viradores, José Lewgoy e Renato Restier os vilões. Sonia Mamed, Renata Fronzi, Berta Loran, Emília Borba, Adelaide Chiozzo e Francisco Carlos também participaram de muitos filmes, criando personagens (tipos) memoráveis.

Improvisos

Esbanjando improviso e com gestual fortemente influenciado pelo circo e pelo Teatro de Revista, estes atores traziam para a tela a ideia de um homem brasileiro simples, virador e malandro, onde o cômico e o jocoso imperavam. Antes mesmo do Modernismo proclamar a importância de assumirmos o jeito de falar brasileiro, a Atlântida ao lado de outras manifestações artísticas populares já havia assumido, com muito humor, a “língua brasileira”, deixando fora de cena o rigor no uso da língua portuguesa.

“Visitamos o passado, com muita admiração e orgulho destes artistas brasileiros. A Atlântida Cinematográfica é uma referência muito forte para o cinema nacional. E precisa continuar viva na memória do público. Eles faziam filmes com poucos recursos, se comparados às produções hollywoodianas da época, mas não faltava talento e criatividade àqueles artistas que continuam inspirando quem faz humor, hoje, no teatro, no cinema, na TV e até na internet”, afirma Vera Novello.

SERVIÇO

ATLÂNTIDA - UMA COMÉDIA MUSICAL

Teatro Dulcina (Rua Alcindo Guanabara, 17 – Cinelândia) Até 16/12, sexta e sábado (19h) e domingo (18h), com matinê no dia 16 (16h30) e sessão com tradução em Libras e audiodescrição no dia 16/12 (19h) Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

Em busca do solo perfeito

Performance do guitarrista gaúcho Luis Kalil é destaque em enquete promovida pela revista Guitar World

Um dos prodígios do metal, o músico gaúcho radicado em Los Angeles (EUA) Luis Kalil foi responsável por um dos melhores solos de guitarra do ano seguindo a revista Guitar World. A performance do artista na faixa “More Luck Than Brains”, do disco de estreia de sua banda Red Devil Vortex divide espaço com grupos como Queens of the Stone Age e Smashing Pumpkins e lendas como Eric Clapton, Jeff Beck, Joe Bonamassa, Extreme e Judas Priest. Após a seleção inicial, uma votação popular está disponível no site da revista.

Formado por Kalil, Gabriel Connor

(vocais e baixo) e Eduardo Baldo (bateria), brasileiros que vivem na Califórnia, o trio Red Devil Vortex buscou captar em estúdio a energia do ao vivo, descrita pelo público como uma “parede sonora”. O disco, homônimo, foi produzido, mixado e masterizado por Adair Daufembach (Angra, Project 46, Kiko Loureiro, Dirk Verbeuren). A faixa de abertura “Open the Gates” ganhou um clipe especial dirigido por Tom Flynn (Lamb Of God e Buckcherry).

O álbum promete elevar ainda mais o status do Red Devil Vortex no cenário do rock. O lançamento se soma aos EPs “Something Has To Die” (2018) e “Dark Secrets” (2020), além de múltiplos singles. O primeiro foi um marco ao entrar nas paradas da Billboard na semana de lançamento, chegando a #16 (Heatseekers Chart) e #49 (Independent Albums Chart). O trio conta ainda com o registro ao vivo “RDV’s in Town”.

A banda, conhecida por sua sonoridade caótica e profunda, letras que fletam com visões apocalípticas e desejos carnis,



Luis Kalil integra o power trio Red Devil Vortex

é também profundamente enraizada na dualidade humana. Suas canções narram histórias de sonhadores, pecadores, guerreiros, sobreviventes, vilões e reis deste

mundo que ousam enfrentar tudo e nunca desistir.

O álbum “Red Devil Vortex” está disponível em todas as plataformas de música.

A vida que ela decidiu viver

Valeska Marega leva a força do feminino para o Brigitte Blair

Valeska Marega se apresenta nesta quarta-feira (13) no Teatro Brigitte Blair, em Copacabana, para lançar o single “A Vida Eu Vou Levar”, faixa em tom confessional que narra o que a artista passou e as forças que tirou para



Valeska Marega compõe a partir de suas vivências

retomar sua carreira de cantora.

O show passeia por uma infinidade de ritmos brasileiros: xote, maracatu, samba, ciranda, ijexá, samba-enredo, além de baladas românticas. São ao todo 17 músicas no

roteiro, sendo 12 autorais e canções de Chico Buarque, Chico Science, Alceu Valença e Martinho da Vila.

“Somadas às minhas músicas de empoderamento da mulher, partindo das minhas experiências pessoais femininas, há um apelo forte à diversidade étnica e denúncia à discriminação social e racial nas músicas “Etnia”, de Chico Science, e ‘As Caravanas’, de Chico Buarque, essa última entrecortada por alguns versos de ‘Navio Negreiro’ de Castro Alves e a primeira precedida por um trecho do livro ‘O povo brasileiro’ de Darcy Ribeiro sobre a diversidade étnica nacional”, conta Valeska.

Seu trabalho e suas músicas falam para as mulheres se afirmarem diante de práticas de assédio, discriminação ou abuso. “No show pretendo levar às mulheres, principalmente, as minhas letras embaladas pela minha música para que sirvam de inspiração e força individuais. Para que possam se identificar - e não se sentirem sozinhas, ver que tem mais alguém que passou e passa pelas mesmas coisas.

E ajudarem a alguma ação”, afirma a artista.

Cada música dessa safra veio como uma urgência de expressão. “Aos poucos essa colcha de retalhos das músicas foi se formando e mostrando que havia um tema único que unia todas as músicas. Era eu e minha vida colocada em letras e músicas que englobam também a história e os problemas de grande parte das mulheres. De sermos quem somos, de nos afirmarmos num mundo que durante milênios nos castrou”, revela Valeska.

O show tem produção e arranjos de Wellington Reis, e a participação de Wellington Reis nas cordas, Menino Brito na percussão, Rogério Santos no baixo e Paulo Maclaren na bateria. A direção cênica é de Anderson Dias.

SERVIÇO

VALESKA MAREGA

Teatro Brigitte Blair (Rua Miguel Lemos, 51 - Copacabana)

13/12, às 20h

Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Divulgação

Universalizando o fado

Carminho lança faixa que integra trilha de longa premiado em Veneza

A cantora portuguesa Carminho lança em todas as plataformas musicais nesta sexta-feira (15) a faixa “O Quarto (fado Menor)”, música que integra a trilha sonora do novo filme de Yorgos Lanthimos, “Pobres Criaturas”. Ela faz uma participação especial no longa, contracenando com a atriz Emma Stone.

Em uma cena do filme, que estreia no Brasil em fevereiro do ano que vem, Carminho encontra a protagonista e canta o tema



Divulgação

Carminho: ensaio sozinha para tocar a guitarra portuguesa

enquanto toca guitarra portuguesa. O filme levou o Leão de Ouro no último Festival de Veneza, recebeu sete indicações ao Glo-

bo de Ouro (incluindo trilha sonora) e vem sendo cotado para o Oscar 2024 na categoria de Filme em Língua Estrangeira.

“O Yorgos me convidou a participar do filme cantando um fado. Eu disse que achava a presença da guitarra portuguesa importante para enfatizar a linguagem do estilo musical. Então ele me desafiou a tocar a guitarra portuguesa”, afirma Carminho sobre o convite. “Pedi uma semana para responder, sem lhe contar que eu nunca tinha tocado guitarra portuguesa na vida (risos). Pedi a um dos meus músicos que me ajudasse, ensaiei a semana inteira e respondi que seria eu, sim”, completa.

Sobre a escolha de “O Quarto” (fado Menor), Carminho diz que Yorgos lhe pediu sugestões. Uma delas foi o fado menor, que é um fado muito antigo, algo primário e umbilical da cultura portuguesa. São apenas dois acordes e não existe uma melodia própria, que é criada pelo

fadista ao interpretar o poema”, explica Carminho. “Ele escolheu ‘O Quarto’ pela temática algo bizarra, sobre uma pessoa que se sente aprisionada, sozinha, inspirando alguns momentos da personagem principal, mas também por ser de hoje, escrito por mim, desta geração. Tem uma transversalidade temporal que conversa com o próprio filme, utilizando referências de várias épocas. Uma música do século XIX com uma letra do século XXI”, explica a cantora.

O poema de Carminho acabou por ser gravado com outra música e melodia, tornando-se “O Quarto (fado Pagem)” no seu mais recente álbum “Portuguesa”, indicado ao Grammy Latino 2023 na categoria Melhor Álbum de Raízes em Língua Portuguesa. O lançamento demonstra a vontade da artista de trabalhar o fado tradicional, de escrever para fados tradicionais, assim como de compor melodias novas para textos de formação clássica.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Numa outra levada

A banda Radio Front mostra um outro lado de seu som pesado com o single e clipe “SummerFalls”. Esta balada folk mostra a intensidade da sua interpretação em uma canção que retrata a sensação de segurança ao ser amado. Para abrir o caminho para sua próxima fase, a Radio Front recorreu a uma música escrita pelo vocalista Felipe Nova aos 15 anos. O que era uma composição de gaveta veio à tona pelo incentivo do produtor Luiz Freitag, que insistiu para que ela fosse incluída no repertório e produzida o quanto antes.

Divulgação



João Guimarães/Divulgação



A viagem é que importa

Artificial Complex, projeto liderado pelo compositor e artista visual piauiense Érico Ferry, mostra em “Devaneio” que o que importa é a viagem - e não o destino. A música, uma fusão de influências que vão do pós-punk e rock alternativo até elementos de shoegaze, rock progressivo, jazz e MPB, representa uma jornada musical única e eclética para simbolizar o renascimento de um dos expoentes mais promissores do rock nordestino. A faixa explora a ideia de deixar para trás problemas insolúveis e as culpas que muitas vezes carregamos por eventos fora de nosso controle.

Uly Nogueira/Divulgação



Na trilha do velho soul

Reverenciando e ressignificando o “Mandamento Black” de Gerson King Combo, Ana Lua e a Funkaliza apresenta um olhar cósmico e futurista, propondo uma experiência dançante e poética no single “Alma Funk”. Manifesto do projeto, o single cria uma ponte rítmica entre o Brasil de hoje e dos anos setenta nesta que é uma nova amostra do álbum “Soul do Sol”, previsto para janeiro. “Essa música é uma explosão de vida e inspiração pros dias difíceis e celebração aos dias de vitórias”, explica a cantora, compositora e produtora multimídia Ana Lua.

Foco no Rio Antigo

Imagens do Acervo da Light mostram as transformações da cidade no início do século XX

Um olhar sobre o Rio de Janeiro do passado. O Museu Virtual Rio Memórias e a Light apresentam a exposição “Rio, Cidade Luz”, que será inaugurada em evento no Centro Cultural da Light, no Centro, na próxima segunda-feira (18). A exposição permanecerá no local até 28 de fevereiro e poderá ser visitada de segunda a sexta, das 10h às 17h, com entrada gratuita.

A mostra reúne cerca de 35 imagens que documentam o desenvolvimento da cidade e as principais transformações sociais e urbanas ocorridas na primeira metade do século XX. A curadoria da exposição é assinada por Joaquim Marçal Ferreira de Andrade, designer, fotógrafo e ex-pesquisador da Biblioteca Nacional, curador do portal Brasileira Fotográfica e professor licenciado da PUC-Rio.

A abertura contará com um bate-papo entre o curador e o fotógrafo carioca Rogério Reis que tem sua obra centrada nas questões urbanas do Rio. Após o bate-papo, haverá uma visita guiada.

Simultaneamente à inauguração da exposição física, serão lançados o portal “Acervo Light” e mais duas galerias (exposições virtuais) no site Rio Memórias (www.rio-memorias.com.br), todos com a curadoria de Joaquim Marçal Andrade. No portal, encontram-se disponíveis para consulta e download gratuito 1.100 fotografias do importante acervo iconográfico



Bloco de Carnaval da Light



Antena de rádio no Corcovado



Telefonistas da Companhia Telefônica Brasileira

da Light, que poderá ser acessado a partir do site do Rio Memórias. Nas exposições virtuais “Rio cidade-luz” e “Rio, suas ruas, sua gente”, a história da expansão da infraestrutura da cidade e da ocupação das ruas é contada através de imagens

que capturam momentos singulares e textos que guiam o olhar dos visitantes por novas avenidas, velhas ruas em ebulição, trilhos, bondes, chapéus, conversas roubadas e modas passadas.

“Visitar as exposições é enten-



Vista noturna de Botafogo



Oficina dos bondes da Light

der as transformações da cidade, os seus costumes e o importante papel desempenhado pela Light tanto no registro quanto nas mudanças tecnológicas e urbanas”, comenta Livia Baião, diretora do Rio Memórias.

SERVIÇO

RIO CIDADE LUZ
Centro Cultural da Light (Av. Marechal Floriano, 168, Centro)
De 18/12 a 28/2/2024, de segunda a sexta (10h às 17h)
Entrada franca